

Algumas considerações sobre o corpo com deficiência nas literaturas africanas de língua portuguesa

Gustavo Henrique Rückert

Universidade Federal de Pelotas

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

gh.ruckert@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9267-5229>

Recibido: 12/04/2025

Aceptado: 18/05/2025

Resumo

Poucos trabalhos aproximam os estudos das deficiências e os estudos literários. No âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa, este assunto ainda é fortemente ignorado. No entanto, diversas obras clássicas e contemporâneas de países africanos (ou mesmo da diáspora) abordaram personagens com deficiências. Nesse sentido, o presente artigo procura evidenciar a possibilidade de releitura dessas literaturas com foco nas deficiências. Para isso, estrutura-se em três partes: a primeira tece relações entre colonização e deficiência para compreender a experiência do corpo com deficiência no Sul Global; a segunda expõe um breve panorama das deficiências em narrativas de autores como Luandino Vieira, Pepetela, Mía Couto, Eduardo Quive, Djaimilia Pereira de Almeida, entre outros. Por fim, a terceira particulariza o caso da obra *Vozes na sanzala*, do angolano Uanhenga Xitu, para vislumbrar outras possibilidades de pertencimento para o corpo com deficiência ancoradas em uma visão de mundo ligada ao pensamento africano.

Palavras-chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; deficiência; corpo; colonização; pertencimento.

Some Considerations on the Disabled Body in African Portuguese Literature

Abstract

There are few works that bring the study of disabilities closer to literary studies. In the context of African Literatures in Portuguese, this subject is still largely ignored. However, several classic and contemporary works from African countries (or even from the diaspora) have addressed characters with disabilities. In this sense, this article seeks to highlight the possibility of rereading these literatures with a focus on disabilities. To this end, it is structured in three parts. The first part weaves relationships between colonization and disability to understand the experience of the disabled body in the Global South. The second presents a brief overview of disabilities in narratives by authors such as Luandino Vieira, Pepetela, Mía Couto, Eduardo Quive, Djaimilia Pereira de Almeida, among others. Finally, the third part details the case of the narrative *Vozes na sanzala*, by the Angolan Uanhenga Xitu, to glimpse other possibilities of belonging for the disabled body anchored in a worldview linked to African thought.

Keywords: African Literatures in Portuguese; disability; body; colonization; belonging

Algumas consideraciones sobre el cuerpo discapacitado en la literatura africana en lengua portuguesa

Resumen

Pocas obras aproximan el estudio de las discapacidades y los estudios literarios. En el contexto de la literatura africana en portugués, este tema todavía es en gran medida ignorado. Sin embargo, varias obras clásicas y contemporáneas de países africanos (o incluso de la diáspora) han abordado personajes con discapacidad. En este sentido, este artículo busca destacar la posibilidad de releer estas literaturas con un enfoque en las discapacidades. Para ello se estructura en tres partes. La primera teje relaciones entre colonización y discapacidad para comprender la experiencia del cuerpo discapacitado en el Sur Global. La segunda presenta un breve panorama de las deficiencias en las narrativas de autores como Luandino Vieira, Pepetela, Mia Couto, Eduardo Quive, Djaimilia Pereira de Almeida, entre otros. Finalmente, la tercera parte detalla el caso de la obra *Vôzes na sanzala*, del angoleño Uanhenga Xitu, para vislumbrar otras posibilidades de pertenencia para el cuerpo discapacitado ancladas en una cosmovisión vinculada al pensamiento africano. **Palabras clave:** literaturas africanas en portugués; deficiencia; cuerpo; colonización; pertenencia.

Mwumu, kitumba; mu tunda o njimu nhi kioua, mutunda o mukuá-sauidi nhi kinema¹
Fala do personagem Mukita, de *Vôzes na sanzala*,

UANHENGA XITU

Deficiência e colonização

Nas últimas décadas, coletivos, associações, organizações e movimentos sociais de pessoas com deficiência têm se tornado cada vez mais atuantes na reivindicação por reconhecimento, dignidade e direitos para os integrantes de sua comunidade. Ainda assim, o preconceito estrutural contra pessoas com deficiência, nomeado capacitismo (Mello, 2016), impera. Seja em locais de ensino, de trabalho, de saúde, de lazer ou de arte, a exclusão é avassaladora. Não só com uma arquitetura, mas com uma cultura de hostilidade, a essas pessoas é sempre dito indiretamente: este não é o teu lugar.

No campo dos Estudos Literários, não é diferente. Por mais que os *Disability Studies* configurem um campo de estudos há mais de sessenta anos (Diniz, 2007), raros são os estudos que abordam a sua articulação com a escrita literária. Quando pensamos nas literaturas africanas, não é diferente. Que escritores escrevem a partir dessa questão? Quais obras abordam personagens com deficiência? Como os representam? Qual seu papel nas narrativas? A ausência de respostas para essas perguntas evidencia o apagamento histórico desses sujeitos, mesmo que um dos principais polos de Estudos da Deficiência no mundo esteja situado no continente, mais especialmente na África do Sul. Neste país, inclusive, o movimento de pessoas com deficiência foi importantíssimo para a derrubada do regime de *apartheid* e ascensão de Nelson Mandela ao poder (Lopes, 2019).

Segundo a teoria do modelo social da deficiência, o conceito de deficiência não pode ser entendido senão a partir de uma análise sociológica (Diniz, 2007). Afinal de contas, o que define uma deficiência não é apenas o corpo em questão, e sim a interação deste com as barreiras sociais que lhe são impostas. Assim, a análise contextual de determinados corpos enquanto aptos ou inaptos a uma corponormatividade (Mello, 2016; McRuer, 2006), ou seja, às performances de produtividade, de beleza, de gênero, entre tantas outras, é fundamental para o estabelecimento do conceito de deficiência.

Partindo desse pressuposto, ser uma pessoa com deficiência em países hegemônicos não é a mesma coisa que ser uma pessoa com deficiência em países periféricos. Daí a necessidade apontada pelas antropólogas Marivete Gesser e Anahi Guedes de Mello (2021) de situar os Estudos da Deficiência desde o Sul Global,

¹ No ventre é como numa mata, sai o esperto e o néscio, o saudável e o aleijado.

entendendo o «corpo aleijado» (conceito das autoras) como corpo político fundamental para a compreensão da história da colonização a partir de outro local epistêmico. De acordo com Gesser e Mello, «nesse sentido, produzir aleijamentos na pesquisa e na atuação profissional (...) implica o imperativo de “mutilar”, “deformar” ou “contundir” o pensamento hegemônico sobre a deficiência, provocando-lhe uma virada discursiva e epistemológica sobre as pessoas com deficiência» (2021, p. 132).

Quando pensamos as deficiências nos países africanos ou nas comunidades da diáspora, a relação destas com o colonialismo é indissociável mesmo que ignorada por boa parte (e este boa parte torna-se um triste eufemismo) de estudos pós-coloniais, decoloniais, contracoloniais ou o que quer que seja que se proponha crítico à colonização. Nos anos 1990, Homi K. Bhabha (2013) já falava que as «contranarrativas da nação», sendo estas as das mulheres e dos imigrantes, seriam aquelas representações capazes de fraturar as narrativas coloniais. Os corpos das pessoas com deficiência, à margem de todos os projetos coloniais ou independentistas, passam ao largo desses estudos, mesmo que sejam fundamentais para repensarmos questões caras à contemporaneidade, como a construção de um mundo com habitabilidade plena para todas as formas de vida (Ruckert, 2025).

Sabemos que a colonização buscou a exploração não só dos recursos de terras africanas e americanas, como também dos próprios sujeitos africanos e americanos. Hierarquizar, portanto, aqueles mais e menos aptos à exploração por meio da escravidão, primeiramente, e dos trabalhos sem dignidade, posteriormente, era uma forma de domínio do corpo do outro.

As lesões oriundas de mutilações nos ambientes de trabalho cruéis e desumanos (seja do período pré-abolição, seja do período pós-abolição) foram inclusive elementos de coerção social do regime colonial. Chibatar, deformar ou amputar membros, por exemplo, foram algumas práticas recorrentes no macabro repertório da violência colonial. Para além da inestimável dor em si, as lesões castigavam o corpo colonizado, tornando-o menos valioso na lógica produtivista do capital, ficando assim mais propício ao descarte em uma sociedade utilitarista.

Outro aspecto importante de se mencionar é o rastro de destruição que o colonialismo deixa após seu fim político ou oficial. Com o desmantelamento do império, sobrou a «colonialidade do poder» (Quijano, 2000), e, com ela, o hábito de violar os corpos. No caso africano, é importante recordar o caso das guerras civis: disputas neocoloniais pelo poder que foram geradoras de um excedente de milhões de corpos com deficiências físicas, sociais e mentais. Nesse contexto, destacam-se os numerosos casos de mutilados pelas minas terrestres.

A carência de assistência médica qualificada é ainda um dos efeitos do colonialismo. Como já advertia Frantz Fanon (2020), a medicina foi instrumento importante para o estabelecimento da empreitada colonial. Em não raros casos, conforme aponta Fanon, a medicina era a segunda atividade de muitos colonizadores instalados em solo africano. A primeira era o enriquecimento por meio de propriedades agrárias para a exploração de recursos naturais.

Conforme explica o psiquiatra e revolucionário,

nas colônias, o médico faz parte da colonização, da dominação, da exploração. Na Argélia, não devemos nos surpreender que médicos e professores de medicina estejam à frente dos movimentos coloniais. Do ponto de vista econômico, o médico argelino está interessado na manutenção da opressão colonial (Fanon, 2020, p. 24).

Manuel Espinel Vallejos (2022) ressalta ainda a estreita relação discursiva entre medicina e colonialismo. Para o sociólogo

es importante no perder de vista desde el comienzo cómo ambas racionalidades están estrechamente relacionadas porque la intensificación del proceso de colonización de África, por parte de las potencias europeas occidentales se lleva a cabo de manera simultánea con el desarrollo de las prácticas discursivas del modelo biomédico y la salud pública occidentales (Vallejos, 2022, p. 11).

Dessa forma, o discurso do modelo biomédico contribuiu decisivamente para a construção de uma identidade desumana para os sujeitos africanos, reduzidos a estereótipos (sobretudo raciais). A desumanização discursiva de sujeitos africanos subsidiou práticas criminosas por parte do médico colonizador. Conforme denuncia Fanon (2020, pp. 22-23), eram comuns práticas como a comercialização de medicamentos estragados ou a diluição de vacinas em água para a multiplicação de doses. Ou seja, o enriquecimento (ilícito, inclusive)

vem à frente do juramento médico de cuidado com a vida humana, já que sequer eram vistos como humanos os sujeitos colonizados. Esse *modus operandi* persiste em muitos locais outrora colonizados, infelizmente.

O corpo com deficiência nas literaturas africanas de língua portuguesa

Em defesa da pesquisa das representações das deficiências no âmbito dos estudos literários, Alice Hall (2016) explica que esta não é apenas uma inovação temática na crítica literária, mas uma possibilidade de renovação interpretativa dos textos literários. Essa renovação é fundamental, inclusive, para o diálogo da literatura com demandas urgentes da contemporaneidade na busca por um mundo mais acolhedor, justo e equânime:

É importante explorar a deficiência em termos de personagem, metáfora e tema em narrativas literárias, tanto dentro quanto fora do cânone literário tradicional, ao longo dos tempos. Perspectivas de deficiência podem transformar entendimentos de estrutura, gênero e forma narrativa. Essas perspectivas podem desestabilizar paradigmas teóricos estabelecidos na crítica literária e fornecem uma abordagem nova, muitas vezes provocativa, para analisar todos os textos literários. Representações literárias de deficiência abrem discussões sobre algumas das questões mais urgentes da nossa era: sobre austeridade, empatia, status de minoria, assistência social e cidadania (Hall, 2016, p. 2).

Nas literaturas africanas de língua portuguesa, não foram poucos os autores que buscaram representar (de forma mais ou menos direta) as deficiências. Em alguns casos, a representação enfatiza os dramas vividos por pessoas com deficiência em seus respectivos contextos, seja no pré ou pós-independências. Em outros casos, a deficiência surge de forma mais metafórica ou até alegórica, representando as relações coloniais e a situação de muitos países africanos no presente. Relembramos aqui alguns dos casos.

Na obra do angolano Luandino Vieira, escrita majoritariamente no período pré-independência, é recorrente a presença de personagens com algum tipo de deficiência nas pernas, seja por paralisia, trombose, seqüela de algum ferimento ou procedimento médico sem as devidas condições sanitárias. O presidiário Garrido Fernandes e o ajudante de notário sô Lemos apresentam essas características nos contos de *Luuanda*; o idoso Vavô Petelu, em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*; o jovem Nanito, em *Nosso musseque*. O espaço ficcional de todas essas narrativas são os *musseques*.² Ao perambular com seu andar característico por este espaço, os personagens são motivos de troça pelas crianças, que frequentemente debocham em *kimbundo*:³ «O Kam'tuta, sung'o pé»⁴ (Vieira, 2008, p. 74); «Takudimoxi! Takudimóx'ééé!»⁵ (Vieira, 1974, p. 14).

De uma forma geral, a literatura de Luandino Vieira chama a atenção para a violência colonial durante as décadas anteriores à independência com elementos como a violência física, o racismo e a desigualdade. Sua obra tem sido lida pela crítica literária a partir de conceitos como denúncia, resistência, identidade nacional angolana e luta anticolonial. Pouco se aborda em sua fortuna crítica, contudo, o papel do corpo com deficiências na construção dessa crítica ao colonialismo. A recorrência de personagens com essas características no espaço periférico dos musseques aponta para a fragilidade estrutural da administração colonial.

Vavô Petelo, de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, por exemplo, perdeu parte de uma nádega devido aos procedimentos de aplicação de injeção e raspagem para o tratamento de malária: «Verdade que tinha uma nádega só, faltava mesmo do lado esquerdo, passara em 1928: velho Petelo (...). Apanhara uma injeção para uma febre teimosa e o resultado era aquele» (Vieira, 1974, p. 14). O descaso com serviços de saúde a esta população remete à desumanização dos sujeitos colonizados conforme destacado por Espinel Vallejos (2022) e aos procedimentos médicos com pouca higiene e/ou adulteração de medicamentos conforme denunciado por Fanon (2020).

² Musseque é a palavra que designa os bairros pobres da periferia urbana.

³ Kimbundo é uma das línguas nativas de Angola. A maioria dos seus falantes concentra-se na região da capital, Luanda.

⁴ O Kam'tuta puxa o pé.

⁵ Aquele que tem apenas uma nádega.

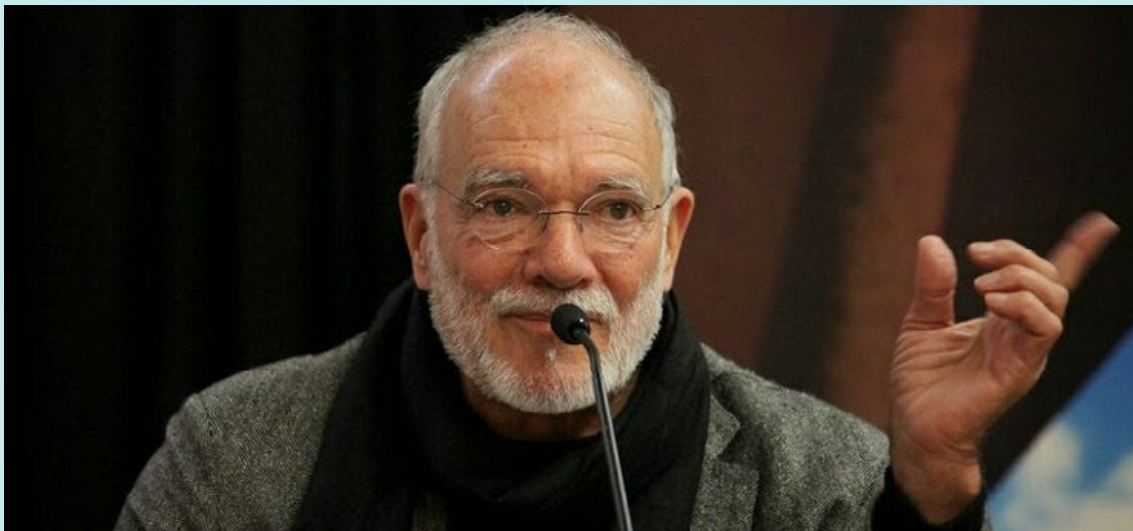


Fig. 1. Luandino Vieira

Se os personagens de Luandino são vítimas da violência estrutural de um estado colonial sem a assistência médica adequada, no romance *Vinte e zinco*, do moçambicano Mia Couto, a deficiência é ocasionada pela violência física do colonizador. Andaré Tchuisco, personagem cego, trabalhou desde a infância para a família Castro, formada por portugueses instalados em Moçambique a serviço da PIDE.⁶ Seu serviço era pintar de branco as paredes sujas de sangue da delegacia. A respeito da causa da cegueira de Tchuisco, diversos mitos eram difundidos pela população: um deles dizia que a morte o visitou no ventre da mãe e tomou-lhe a luz, outro dizia ter sido picado por uma cobra peçonhenta durante os ritos iniciais quando recém-nascido.

O desenrolar da narrativa, no entanto, revela uma origem menos mística e mais cruel. Após ver Joaquim de Castro, seu chefe e delegado da pide, abusar sexualmente de presos moçambicanos, foi violentamente cegado para que seu testemunho fosse para sempre invalidado.

Maldito e feito. O pintor seria convertido em cego. Depois se transferiram todos para outro lugar. Andaré Tchuisco viria com a família Castro para Moebase, fosse um moço adoptivo. Nesse outro lugar, seria apresentado como cego de nascença. Assim se anularia a possibilidade de ele alguma vez ser denunciado (Couto, 1999, p. 83).

As deficiências resultantes da violência física perpetrada durante o colonialismo foram comuns ao longo da história, embora ainda pouco mencionadas sob esta perspectiva. Nesse sentido, é necessário considerar o elemento racial na violência contra sujeitos africanos e afrodiaspóricos. Seja durante a escravidão ou após ela, a mutilação de homens e mulheres negros como Tchuisco foi naturalizada. Já Machado de Assis, no conto “Pai contra mãe”, por exemplo, elencou os instrumentos de tortura e sua utilização para a manutenção da ordem social no Brasil escravista. A pesquisadora Grada Kilomba (2019), por sua vez, analisa a mudez imposta como herança colonial da violência escravista em *Memórias da plantação*. Assim, séculos de agressões físicas para calar os sujeitos negros foram os responsáveis por estruturar e perpetuar um silêncio herdado. Este silêncio encontra-se arraigado no inconsciente das pessoas negras, conforme explica a autora (Kilomba, 2019).

Além da cegueira, Tchuisco foi ameaçado em seu aparelho fonador: «Te arranco a língua. Mais os dentes, a maxila, o focinho todo inteiro» (Couto, 1999, p. 83). Apesar das ameaças e de décadas de silêncio, o personagem afinal não se cala. Mesmo coadjuvante na narrativa, são suas visões e profecias que desencadeiam o desfecho da obra. Nesse sentido, Tchuisco faz as vezes de um Tirésias na história. Sábio, porém desacreditado, ligado à visão de mundo tradicional africana, é ele que anuncia a Lourenço de Castro, filho e herdeiro de Joaquim, aquilo que ele, vidente, não consegue enxergar: a derrocada do império colonial e, conseqüentemente, da família Castro.

⁶ A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (1945-1969) foi um órgão policial criado pelo ditador António de Oliveira Salazar e se destacou pela perseguição, tortura e assassinato de opositores políticos e líderes revolucionários em Portugal e na África.

Vale lembrar que a impossibilidade de ver ou de falar não é exclusividade de *Vinte e zinco*. As narrativas curtas de Mía Couto são recheadas de personagens semelhantes, como o Cego Estrelinho e o avô «vidente invisual» do conto «Noventa e três», ambos presentes em *Estórias abensonhadas* (Couto, 2012); a Dona Amadarena com sua «voz adormecida» em «O adiado avô», de *O fio das missangas* (Couto, 2009); ou «A menina sem palavra», que parece possuir uma neurodivergência, de *Contos do nascer da terra* (Couto, 1988). Em todos os casos, as personagens são os enunciadores de caminhos e de possibilidades, muitas vezes com um tom místico ou profético, algo bastante semelhante ao que se observa em contos de Guimarães Rosa, como «A menina de lá», de *Primeiras estórias*.

Outra obra com importante destaque para o corpo com deficiência nas literaturas africanas está em *Se o passado não tivesse asas* (2017), do angolano Pepetela. Neste romance, a explosão de uma mina terrestre durante a Guerra Civil Angolana (1975-2002) foi responsável por assassinar a família de Kassule e deixar o menino, além de órfão, desprovido de uma de suas pernas.

Foi nesse momento que ela reparou no rapazinho, franzino e mais pequeno que ela, só com uma perna, saltitando apoiado num pau. O toco da outra perna desaparecia nos calções. O pau não era uma muleta, antes uma parte de vassoura (...). Nem precisaria de perguntar, a criança tinha pisado uma mina, havia gente assim por todo o país (Pepetela, 2017, pp. 39 - 40).

Em situação de rua, Kassule precisa disputar os restos de comida com meninos maiores e sem deficiências nas lixeiras dos restaurantes da Ilha de Luanda. Por outro lado, sua irmã afetiva, Himba, ao crescer torna-se proprietária de um luxuoso restaurante por meio de um golpe dado em Ezequiel (filho de Dona Ester, fundadora e anterior proprietária do estabelecimento). Ezequiel, herdeiro legal de Dona Ester, é um menino com alguma deficiência relacionada ao neurodesenvolvimento.⁷ Após o falecimento de Ester, Himba (que assume o nome de Sofia) interna o menino em uma instituição de saúde mental. Sem a presença do herdeiro, a personagem consegue assumir sozinha a propriedade do restaurante por meio de acordos ilícitos com funcionários do governo.

Já Kassule (que assume o nome de Diego) torna-se artista na vida adulta. É explorado por empresários e sofre a pressão de turistas para que represente estereótipos e clichês sobre a África em suas telas. Fiel a suas inclinações artísticas, Diego não cede e compõe cenas complexas, inclusive com a representação da deficiência por meio de *kazumbis*⁸ de animais. Em uma de suas telas, há uma leoa com uma perna de um antílope na boca, e a carcaça dele ao lado. O espírito do antílope, no entanto, volta (com três pernas) para assombrar a felina:

O espírito saindo do cadáver esfacelado, voando em direção de onde estava a leoa com a perna do antílope. E o espectro com efeito só mostrava três pernas, a quarta podia estar escondida pelo resto do corpo ou simplesmente não existir no espírito por ser levada na realidade pela leoa (Pepetela, 2017, p. 49).

Kassule/Diego e Himba/Sofia, os dois protagonistas da obra, portanto, representam duas facetas da população angolana no pós-independência: aqueles que sofreram as consequências de um capitalismo voraz e desumanizante (sobretudo para pessoas com deficiência) e aqueles que, para sobrevivência, tornaram-se capazes de qualquer ato para a ascensão social. Ignorada pela crítica literária, mais uma vez a abordagem das deficiências ocupa papel importante na narrativa. O personagem que representa a faceta explorada da população angolana é uma pessoa com deficiência; a personagem que representa a faceta da exploração humana ausente de escrúpulos ascende socialmente ao cometer um crime contra uma pessoa com deficiência.

Além dos clássicos mencionados, como Luandino Vieira, Mía Couto e Pepetela, obras de escritores emergentes também têm abordado a questão. Recentemente, o jovem escritor moçambicano Eduardo Quive lançou um livro de contos intitulado *Mutiladas*. O conto «O cheiro das flores» aborda o drama dos «mutilados», nome genérico pelo qual ficaram conhecidas as vítimas das minas terrestres durante a Guerra Civil Moçambicana ou Guerra dos Dezasseis Anos (1977-1992). Tal como em Angola, o conflito em Moçambique

⁷ A narrativa não nomeia a deficiência de Ezequiel: «Os médicos disseram, ele tem um trauma qualquer, não deve ter sido de nascença nem é nada genético, o cérebro ficou afetado. Mas Dona Ester há muito deixara de acreditar na capacidade dos médicos em entenderem o filho ou seus mecanismos secretos. Acreditava muito mais no pastor da igreja dela, que dizia, são demónios» (Pepetela, 2017, p. 24).

⁸ Espíritos, em kimbundo.

deixou milhares de pessoas com deficiências nas pernas. Já o conto «Cláudia» aborda o brutal assassinato da protagonista, que culmina no esquartejamento do corpo da mulher. «Eram partes de Cláudia divididas como em pedaços de frangos comprados a quilos na mercearia» (Quive, 2024, p. 55). Seja literal, seja metafórica, a mutilação aparece na obra como representação de moçambicanos e moçambicanas que sofrem com um contexto de violência no presente do país.

Poderíamos mencionar ainda uma série de obras da diáspora. Em *Ponciá Vivêncio*, da brasileira Conceição Evaristo, o avô Ponciá perde o braço em automutilação após agredir sua esposa. O braço cotó, como chamado pelos personagens do conto, torna-se marca identitária. Mesmo após a morte, é a representação do braço cotó pela menina Ponciá que denota a presença de seu antepassado. Em «A negra e a cega», conto da também brasileira Miriam Alves, fica evidenciada a impossibilidade da amizade sincera entre as duas protagonistas: Cecília, negra, e Flora, cega. O racismo e o capacitismo estruturais farão com que nunca sejam vistas socialmente como amigas, e sim Cecília como cuidadora de Flora.

Djaimilia Pereira de Almeida, portuguesa de raízes angolanas, por sua vez, tem uma extensa obra voltada para a questão das deficiências, que surge como elemento simbólico das relações coloniais. Celestino, capitão de navio negreiro, vai ficando cego no seu fim de vida na novela *A visão das plantas*. Perambulando pelas ruas de Lisboa, a africana Fatinha (aparentemente de São Tomé e Príncipe) vive uma perpétua confusão mental na novela *Maremoto*. Já em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, Aquiles migra com o pai em busca do tratamento para a sua má-formação no calcanhar. Na ex-metrópole, contudo, só encontra racismo e capacitismo, passando a ser reconhecido como «aquele preto coxo».

O silêncio na sanzala



Fig. 2. Uanhenga Xitu

Entre as obras africanas e afrodiáspóricas que abordam a questão das deficiências, talvez aquela que a representa de modo mais fulcral é *Vozes na sanzala*, publicada em 1976 pelo angolano Uanhenga Xitu. O protagonista da narrativa é Kahitu, menino que nasce com paralisia nas pernas: «Era paralítico de infância. Desde a nascença nunca ficou de pé. No dia em que experimentou fazer o *tende nhi kubane o mbui*,⁹ caiu!» (Xitu, 2009, p. 49). Durante a gestação de Kahitu, seus pais não ofereceram a devida oferenda à Kituta, sereia divina do rio Kasadi. Para os personagens da obra, habitantes de uma sanzala no interior angolano, esta seria a explicação para a paralisia do menino. A deficiência surge, então, como punição das divindades por erros dos antepassados, sendo a pessoa com deficiência vista como «um ser de outro mundo» (D'Ávila, 2018, p. 159). Em diversas ocasiões, Kahitu é referido pelos vizinhos como *Kikata kia Nzambi* (paralítico de Deus), o que evidencia a compreensão divina e punitiva da deficiência.

O protagonista de *Vozes na sanzala* cresce assim sob dupla violência: o ódio de sua comunidade e a carência estrutural do interior angolano durante a colonização portuguesa. Um exemplo disso é o fato de que

⁹ Ficar de pé para receber o alimento (pirão de milho, batata-doce ou mandioca).

Kahitu tinha o sonho de estudar, mas foi impedido pelas barreiras impostas por essa dupla violência. A escola mais próxima ficava a muitos quilômetros de sua residência, impossibilitando sua caminhada até a instituição. Além da carência estrutural do estado colonial, era o tempo todo zombado e apedrejado pelas demais crianças, tendo seu convívio social limitado.

Apesar de não ter acesso à escolarização, Kahitu destaca-se pela sabedoria e habilidade com a linguagem (oral e escrita). Os aprendizados foram desenvolvidos no convívio com mestres locais, já que não era aceito pelas demais crianças. Segundo o narrador, que encarna uma espécie de manifestação das vozes coletivas da comunidade: «O que Deus lhe tinha tirado na locomoção das pernas, aumentara-lhe nos ombros, peito e cérebro» (Xitu, 2009, p. 49).

Durante a juventude, Kahitu passou a ser visto pela comunidade como um ser assexuado. A paralisia o colocou para além do sistema binário de gêneros, sistema pautado sobretudo por funções: como era considerado inválido, também não era tido como homem: «Mas ele não é home, é *kikataw*» (Xitu, 2009, p. 107). Por esse motivo, a vizinhança confiou a Kahitu a convivência com as jovens meninas. Encantado por uma delas, Saki, Kahitu acabou tendo relações sexuais com a moça. Importante ressaltar que essa relação é fruto também de violência, uma vez que Kahitu pressionou psicologicamente a menina e esta cedeu com medo de ser castigada pela sereia Kikuta: «E quem sabe se lhe negar o que me pede, sou capaz de nascer um monstro como ele?» (Xitu, 2019, p. 107).

O episódio resulta na gravidez de Saki. A jovem alega à comunidade que o fruto do seu ventre é de Kituta, e a sanzala logo associa o caso a Kahitu. Este é levado ao Soba, que decide por julgá-lo, julgamento que não parece ser exatamente pelo abuso cometido, mas sim pela própria existência e possível descendência de uma pessoa com paralisia. A mãe de Saki, em fúria, proferiu falas extremamente preconceituosas, afirmando que este deveria ser morto quando do nascimento, que preferia a filha morta à mãe de um descendente de Kahitu, ou mesmo engravidada por um cão. Por fim, termina por compará-lo a hienas em seu discurso de desumanização: «Pensávamos que eras uma pessoa; finalmente, uma hiena que anda por aí... Um bicho com forma de gente...» (Xitu, 2009, p. 130).

Antes do julgamento formal pelo Soba (e já com o julgamento informal da mãe de Saki e da comunidade, manifesto em toda uma vida de agressões e humilhações), Kahitu toma veneno para gafanhoto e acaba morrendo. O suicídio é tido como um tabu por diversas sociedades, inclusive por muitas sociedades africanas. No entanto, por mais que pareça contraditório, ninguém se suicida sozinho. Uma pessoa só opta por não viver quando uma sociedade inteira considera sua vida menos válida ou digna que as demais. Uma pessoa só busca deixar de existir quando sua existência já fora negada anteriormente. Foi Kahitu quem tomou o veneno, mas foi toda uma comunidade que participou de sua morte.

Dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde do Brasil apontam que 29,6% das pessoas que atentaram contra a própria vida possuíam algum tipo de deficiência (Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, 2024). A exclusão da vida pública e a violência sistêmica são motivos preponderantes para esse dado preocupante. Ainda que não tenhamos dados sobre essa relação em Angola, é importante atentar para a importância da noção de pertencimento nas culturas africanas. Segundo o filósofo moçambicano Severino Ngoenha (2022), o pensamento africano está pautado no princípio ético do «reconhecimento da unidade do mundo» e do agir para manter o equilíbrio das forças, da ordem e da estabilidade. Portanto, ao negar a vida e o pertencimento a um de seus membros, é negada a vida à própria sanzala na obra de Xitu. A violência contra Kahitu é uma violência contra a unidade do mundo mencionada por Ngoenha.

Durante o funeral de Kahitu, feito de maneira apressada e sem os devidos ritos, uma tempestade caiu sobre a comunidade. Inundações, ventos e raios destruíram as cubatas, as plantações e as criações de animais. Raios atingiram inclusive Saki e o feto, mortos junto de mais três pessoas. Se era justamente a visão tradicional do deficiente como filho de Kituta que fazia a comunidade rejeitá-lo, agora a divindade das águas punia a mesma comunidade pelo que fizera a seu filho. A desordem ocasionada gerou a necessidade de intervenção divina para a manutenção da «unidade do mundo». Por fim, a ausência de Kahitu esvazia de sentidos a sanzala, que não tinha mais quem invalidar para que seus membros se sentissem válidos.

A sanzala ficou consternada. Ouviam-se choros copiosos por todos os lados. Os garotos tinham perdido o companheiro de gozo, o professor e mestre, a figura característica de algumas gerações; os velhos e velhas jamais terão um escrevente ou leitor de cartas que soubesse traduzir o seu pensamento; os rapazes e raparigas da geração de Kahitu e da Sange, num coro de lamentação

poética traduzindo poemas fúnebres, iam declamando-os pela sanzala fora através de gritos-de-choro pesados (Xitu, 2009, pp. 131-139).

Algumas considerações, por fim

A década entre 2010 e 2019 foi elegida pela União Africana como a Década Africana das Pessoas Portadoras de Deficiência. Um dos objetivos do plano de ação desta década era o de «garantir que as pessoas portadoras de deficiência gozem de acesso pleno e igual à vida cultural, desportos, recreio e actividades sociais.» (União Africana, 2009, p. 26). Quando se fala das deficiências, logo se pensa em adaptações de infraestrutura, como a utilização de próteses, cadeiras, rampas, etc. A colonização herdada, com séculos de espoliação, dificulta aos países africanos o acesso a tais elementos em escolas, universidades, hospitais, associações, ambientes de trabalho e outros. No entanto, a maior adaptação para o convívio justo e igualitário é a construção de uma cultura inclusiva, em que todas as vidas sejam valorizadas da mesma forma. Nesse sentido, a colonização também deixou o seu legado perverso, naturalizando a violência e o descarte de corpos tido como improdutivos na lógica capitalista.

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa configuram, portanto, um espaço importante para a representação e a compreensão das relações entre as deficiências e a sociedade herdada da colonização. Como afirma Alice Hall (2016), ler obras literárias pelo viés das deficiências é redescobrir o potencial dessas obras para a construção de um mundo mais habitável, onde o direito à cidadania plena seja não só respeitado, como estimulado. Ao reler clássicos das literaturas africanas ou da diáspora africana, como Luandino Vieira, Pepetela, Mia Couto, Uanhenga Xitu, Conceição Evaristo e Miriam Alves, além de novos escritores, como Djaimilia Pereira de Almeida ou Eduardo Quive, percebemos que o corpo com deficiência surge como um lugar epistêmico importante e inovador para compreender as contradições do modelo civilizacional eurocêntrico imposto ao longo de séculos.

Além de denunciar a violência, o descarte e a falta de pertencimento que esta visão utilitária do corpo com deficiência causa, essas obras oferecem como contraponto alguns elementos de um pensamento pautado pela ética africana (Ngoenha, 2022). Este pensamento é capaz de fomentar um outro modelo civilizacional, onde a vida seja compreendida como um fluxo que perpassa todos os seres, vivos ou mortos; humanos, animais ou vegetais; com deficiências ou sem deficiências. Como afirmou o pensador camaronês Achille Mbembe, há um direito originário de todos os seres em existir e habitar o mundo. Este direito é chamado pelo filósofo de Direito Universal à Respiração:

É um direito em relação à universalidade não apenas de cada membro da espécie humana, mas da vida como um todo. Portanto, deve ser entendido como um direito fundamental à existência. Como tal, não poderia ser objeto de confisco e, portanto, escapa a toda soberania, uma vez que recapitula o princípio da soberania em si. É também um direito originário de habitar a Terra, um direito específico da comunidade universal dos habitantes da Terra, humanos e outros (Mbembe, 2018, s. p.).

Por meio da ficção e do resgate do hábito milenar de contar histórias, as obras literárias africanas nos ensinam o que defende Mbembe. Todas as coisas e seres possuem o mesmo direito de viver, respirar e habitar este mundo. Kahitu, Aquiles, o vô de Ponciá, Kassule, Tchuisco, os mutilados de Quive, os takudimóxi de Luandino, temos todos o direito primordial de existir.

Referências bibliográficas

- Bhabha, H. K. (2013). *O local da cultura*. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves (Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Couto, M. (1988). *Contos do nascer da Terra*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Couto, M. (1999). *Vinte e zinco*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Couto, M. (2009). *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Couto, M. (2012). *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras.

- D'Ávila, D. A. L. (2018). *Pessoas com deficiência em Angola na narrativa familiar: coragens e lutas por reconhecimento*. [Tese de Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Universidade de Brasília].
- Diniz, D. (2007). *O que é deficiência?* São Paulo: Brasiliense.
- Espinel Vallejos, M. E. (2022). Colonialismo médico: El papel del discurso y de las prácticas médicas y psiquiátricas en la configuración del poder colonial en África durante los siglos XIX y XX. *IX Dossier de Salud Internacional Sur*. Ediciones GT Salud Internacional, CLACSO.
- Fanon, F. (2020). *Medicina e colonialismo*. Parnaíba: Editora Terra Sem Amos.
- Gesser, M.; Mello, A. G. (2021). Politizar a deficiência, produzir aleijamentos desde o sul global. *Psicología para América Latina*, (36), 129-138.
- Hall, A. (2016). *Literature and Disability*. Londres e Nova York: Routledge.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo contemporâneo*. Jess Oliveira (Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lopes, P. (2019). Deficiência como categoria do Sul Global: primeiras aproximações com a África do Sul. *Revista Estudos Feministas*, 27(3), e66923. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n366923>
- Mbembe, A. (2018). *O direito universal à respiração*. Ana Luiza Braga (Trad.). São Paulo: N1 Edições.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. (2024). Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. *Boletim Epidemiológico*, 55(4).
- McRuer, R. (2006). *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. Nova York: New York University Press.
- Mello, A. G. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da ufsc. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3265-3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>
- Ngoenha, S. E. (2022). *O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico*. Maputo: Ethale.
- Pepetela. (2017). *Se o passado não tivesse asas*. Rio de Janeiro: Leya.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-System Research*, 6(2), 342-386. <https://doi.org/10.5195/jwsr.2000.228>
- Quive, E. (2024). *Mutiladas*. Maputo: Catalogus.
- Ruckert, G. H. (2025). Que mundo comum para as pessoas autistas? Uma reflexão sobre habitabilidade a partir da poesia. In: R. Esteves Lima (Org.). *Anais do XVIII Congresso da abralic*. Salvador: Edufba (no prelo).
- União Africana. (2009). *Plano de Acção da Década Africana das Pessoas Portadoras de Deficiência (2010-2019)*. Adis Abeba: Comissão da União Africana, Departamento dos Assuntos Sociais.
- Vieira, J. L. (1974). *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Edições 70.
- Vieira, J. L. (2008). *Luuanda*. Lisboa: Caminho.
- Xitu, U. (2009). *Mestre Tamoda & Vozes na sanzala*. Luanda: Nzila.